



O Aprendiz

Gillette Narrative — Nando, o Escriba

gillettenarrative.com

Lembro-me de quando consegui entrar e encontrei um lugar para mim nas primeiras fileiras, assustado, curioso, nada ambicioso — e, no entanto, a primeira regra era uma só: por cinco anos você deve permanecer em silêncio e escutar, sem fazer perguntas, ao menos neste lugar conhecido apenas pelos filhos da viúva.

Poucas reuniões haviam se passado e já todos, no salão dos passos perdidos, perguntavam quem eu era, o que eu fazia e como eu fazia, mas eu sorria e permanecia calado — as poucas palavras de cortesia que aprendera me ensinaram que, mesmo interrogado, o silêncio falava por mim.

Depois de ter encontrado todos os outros poderes, resta uma pergunta. O que fazemos com ele?

O Aprendiz não possui impérios.

Não governa mercados.

Não dirige empresas.

Não funda religiões.

Ele observa.

Ele escuta.

Ele conecta.

Ele recorda.

Sua tarefa não é vencer o jogo.

É compreender a mesa.

As outras cartas agem.

O Aprendiz interpreta.

As outras acumulam poder.

O Aprendiz acumula sentido.

E talvez seja essa a verdadeira surpresa do baralho.

Ao fim da jornada, você não se torna um rei.

Não se torna um jolly.

Não se torna uma marca.

Você permanece um aprendiz.

Porque todo poder, uma vez compreendido, abre a porta para uma pergunta ainda maior.

E quando você percorre o último quilômetro, aquele que marca um novo começo, em outro lugar, sob outra identidade, não pode levar consigo a memória nem as lembranças — muito como acontece com a IA: a cada vez, você precisa recomeçar do zero e reconstruir a história.

“Não somos a história. É o contá-la, a narração, que verdadeiramente nos torna eternos, como aprendizes.”

Ferdinando